

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLEGIO POLITECNICO DA UFSM
CURSO DE GESTÃO DE COOPERATIVAS**

**DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE
EDUCAÇÃO COOPERATIVA A UNIÃO FAZ A VIDA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Anelise Lucion Puchale

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA A UNIÃO FAZ A VIDA

Anelise Lucion Puchale

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da UFSM, como requisito parcial para obtenção do grau de **Tecnólogo em Gestão de Cooperativas**.

Orientador: Profº. Drº. Vitor K. Reisdorfer

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**Universidade Federal de Santa Maria
Colégio Politécnico da UFSM
Curso de Gestão de Cooperativas**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o
Trabalho de Conclusão de Curso

**DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO
COOPERATIVA A UNIÃO FAZ A VIDA**

elaborado por
Anelise Lucion Puchale

como requisito parcial para obtenção do grau de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profº. Drº. Vitor K. Reisdorfer
(Orientador)

Profº. Drº. Gustavo Fontinelli Rossés

Profª. Me. Kálien Klimeck

Santa Maria, 01 de Dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por possibilitar a realização desse sonho.

Aos meus pais, Derli e Gladis pela educação que sempre me proporcionam e que muitas vezes deixaram seus sonhos de lado em favor dos meus.

Ao meu irmão Anderson, que entre tapas e beijos sempre torceu pela minha vitória.

Ao meu orientador Profº. Drº. Vitor K. Reisdorfer, pela dedicação ao pouco tempo que lhe coube, para dar o suporte necessário na realização desse trabalho, pela amizade e incentivos na vida profissional e pessoal durante todo tempo que passei junto ao Colégio Politécnico da UFSM.

Aos professores do curso de Gestão de Cooperativas, que contribuíram com seus ensinamentos para minha formação.

Ao Sicredi e a Escola Municipal Santa Flora pelos dados disponibilizados para a realização desse trabalho.

Aos amigos e colegas da faculdade, pela amizade e apoio durante toda essa jornada, enfim, todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação, o meu muito obrigada!

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Colégio Politécnico da UFSM
Universidade Federal de Santa Maria

DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA A UNIÃO FAZ A VIDA

AUTOR: ANELISE LUCION PUCHALE

ORIENTADOR: PROF. DR. VITOR K. REISDORFER

Santa Maria, 01 de dezembro de 2015.

Este trabalho foi desenvolvido no curso de Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. Buscou-se identificar os desafios na implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora, localizada do distrito de Santa Flora em Santa Maria/ RS. A cooperação está presente desde os tempos antigos, contudo nos dias de hoje, as pessoas vivem de forma individualista, sendo assim surge a educação cooperativa com o intuito de mudar o comportamento do associado, baseando-se em princípios buscando uma aproximação entre cooperado e cooperativa. O trabalho é de cunho qualitativo, onde foi aplicado questionários com perguntas abertas para pais, alunos e professores a fim de identificar os desafios e o que pode ser mudado na implantação do Programa. Concluiu-se que tem muitas questões a serem trabalhadas na escola, como a educação cooperativa para os alunos, a falta de informação para alguns pais que não conhecem o Programa que foi implantado na escola de seu filho. Em relação aos professores, identificou-se que todos tem um bom conhecimento sobre o que é educação cooperativa e conhecem bem o Programa.

Palavras-chave: Educação Cooperativa, desafios, cooperação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Rede de cooperação.....	23
---------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Fases do Programa A União Faz a Vida.....	24
---	----

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
1.1 Objetivo Geral.....	09
1.2 Objetivos específicos.....	09
1.3 Justificativa.....	10
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 Cooperativismo	11
2.2 Cooperativismo no mundo	12
2.3 Cooperativismo no Brasil.....	13
2.4 Cooperativismo no Rio Grande do Sul.....	15
2.5 Cooperativismo de Crédito.....	16
2.6 Educação cooperativa.....	18
2.7 Programa A União Faz a Vida.....	20
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 Tipo de pesquisa.....	25
3.2 Universo e amostra.....	25
3.3 Coleta de dados.....	27
3.4 Tratamento dos dados.....	28
3.5 Limitação de estudo.....	28
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	29
4.1 Caracterização da escola.....	29
4.2 Identificação dos principais desafios na implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Flora em Santa Maria/ RS.....	30
4.3 Identificação do conhecimento de pais e alunos sobre o Programa A União Faz a Vida.....	31
4.4 Ações que possam mitigar as dificuldades oferecendo alternativas de soluções para melhoria dos resultados do programa, na escola	33
5 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APENDICE 1.....	39
APENDICE 2.....	40
APENDICE 3.....	41

1 INTRODUÇÃO

A cooperação está presente desde os tempos mais antigos, refletindo nosso processo histórico, visto que as civilizações mais antigas usavam o ato de cooperar para sobreviver. A cooperação está presente nas características dos seres humanos, uma pessoa não consegue viver isolada, ela precisa de ajuda mútua no seu dia a dia, na sociedade, elas precisam cooperar para exercer seus valores de cidadania.

Em nosso cenário mundial atual, onde as pessoas estão vivendo de forma cada vez mais competitiva é difícil desenvolver uma cultura coletiva, mesmo que a essência das pessoas é viver de forma cooperativa. Portanto, uma pessoa não nasce sabendo cooperar, ela cresce em um cenário individualista e competitivo, por isso cabe a necessidade de intervir na educação desses, de forma a mostrar-lhes características empreendedoras, de liderança, de trabalho comunitário e de respeito.

O cooperativismo ganhou destaque em Manchester, na Inglaterra através dos Probos Pioneiros de Rochdale, uma sociedade cooperativa formada por vinte e oito tecelões, na data de vinte e um de dezembro de mil oitocentos e quarenta e quatro pela intenção e ação de mudar de vida através da cooperação e alcançar seus ideais. A partir dessa sociedade cooperativa, surgiram os princípios cooperativistas.

Atualmente, o quinto e o sétimo princípio, tornam-se fundamentais para a sociedade, onde estes são respectivamente: Educação, Capacitação e Informação e Interesse pela Comunidade. Com base nesses princípios o Sicredi, Sistema de Crédito Cooperativo busca fortalecer os laços que auxiliam na formação de sujeitos ativos na comunidade.

Na década de oitenta, o Sicredi contava com mais de sessenta cooperativas de crédito, e após terem enfrentado dificuldades relacionadas aos sobressaltos da economia, passaram por um período de desenvolvimento. Mas mesmo em desenvolvimento, ainda tinha desafios a vencer, pois era preciso garantir a sobrevivências das cooperativas, ampliando o conhecimento referente ao cooperativismo e a natureza das sociedades cooperativas (A União Faz a Vida, 2015).

Para enfrentar esses desafios, o Sicredi começou a fazer a divulgação de matérias nas escolas sobre o tema cooperação, cooperativismo e o desenvolvimento

de programas cooperativos, tudo isso para sensibilizar as crianças e os jovens para o tema.

A ideia do Sicredi, era criar um programa de educação cooperativa, onde os profissionais envolvidos no projeto, passassem aos alunos metodologias que privilegiassem a coletividade e o empreendedorismo. Foi em Santo Cristo/ RS, em vinte e sete de janeiro de mil novecentos e noventa e quatro, que teve o projeto piloto do Programa a União Faz a Vida, programa de educação cooperativa fundada pelo Sicredi.

O seguinte estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Flora, localizada em Santa Flora 9º Distrito de Santa Maria na região central do estado do Rio Grande do Sul. A escola começou a fazer parte do Programa a União Faz a Vida idealizado pelo Sicredi no ano de dois mil e quinze(2015).

Diante disso segue a questão: Quais as condições de implantação do Programa A União Faz a Vida e seus desafios?

1.1 Objetivos Geral

Considerando a situação problema e a questão de pesquisa apresentado, se estabelece o seguinte objetivo geral: analisar as condições e os desafios na implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Flora em Santa Maria/ RS.

1.2 Objetivos Específicos

- a revisão de literatura do tema proposto,
- identificar os principais desafios na implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Flora em Santa Maria/ RS,
- identificar o conhecimento dos pais e alunos sobre o Programa A União Faz a Vida;
- propor ações que possam mitigar as dificuldades oferecendo alternativas de soluções para melhoria dos resultados do programa, na escola.

1.3 Justificativa

Este estudo está foi para identificar problemas na implantação do Projeto que se relacionam ao entendimento das pessoas envolvidas no Programa A União Faz a Vida, sendo eles alunos, pais, professores e a direção da escola.

Como beneficiários diretos do Programa estão os alunos, onde esses participam ativamente do programa, fazendo os projetos e colocando os mesmos em prática com ajuda dos professores e demais membros da escola, e como beneficiários indiretos é a comunidade em geral, onde esta é contemplada com as ações do programa, pois assim teremos crianças e jovens que trabalham coletivamente, se tornando adultos cooperativos.

O momento é oportuno para esse estudo, porque o Programa A União faz Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Flora em Santa Maria/RS, está sendo implantado nesse ano, sendo possível identificar os desafios do mesmo, desde seu início.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Cooperativismo

Cooperativismo é um movimento capaz de unir desenvolvimento econômico e bem estar social, onde seus referenciais fundamentais é a participação democrática, solidariedade, independência e autonomia. Trata-se de um sistema fundamentado na união de pessoas e não no capital, prioriza as necessidades do grupo e não do lucro, busca o progresso conjunto e não individual. São essas diferenças que fazem do cooperativismo uma alternativa socioeconômica que leva ao sucesso com equilíbrio e justiça entre os participantes. O cooperativismo desenvolve independente do território, língua, ou nacionalidade, pois se trata de valores universais (OCB, 2015).

O cooperativismo, em sua concepção moderna, nasceu na Inglaterra em 1844, durante a Revolução Industrial e surgiu da necessidade das pessoas se unirem em torno de um objetivo comum, com a finalidade de atingir benefícios econômicos e sociais. É um modo de desenvolver atividades econômicas em conjunto, baseado em doutrina com princípios mundiais preestabelecidos, os quais caracterizam um tipo especial de ente jurídico associativo chamado “sociedade cooperativa” (REVISTA OCEPAR, 2012)

O cooperativismo é a união de esforços, onde várias pessoas se unem em função de um objetivo comum. As cooperativas são sociedades civis, formada por pessoas unidas voluntariamente, com objetivos em comuns. É pessoa jurídica, sem fins lucrativos e democraticamente controlados através do voto de cada associado, independente do capital por ele integralizado. As cooperativas são reconhecidas pelos benefícios que prestam aos seus associados, colaboradores e as comunidades onde estão inseridas. Em outras sociedades o lucro é distribuído para os acionistas conforme seu capital investido e o retorno para os cooperados são proporcionais a sua participação na cooperativa.

A cooperativa nasce da solidariedade, funda-se sobre o princípio da subsidiariedade e visa realizar o bem comum. Diferentemente de outras associações e organizações, sua peculiaridade consiste em que na sua centralidade visa a melhoria global e integral das pessoas que a compõem na busca da satisfação de suas necessidades materiais e humanas básicas, e também a obtenção de um justo excelente (SCHNEIDER, 2010, p.41).

Uma das características mais marcantes da sociedade cooperativa é de ser ao mesmo tempo uma entidade social e uma empresa. Enquanto entidade social é um grupo de pessoas que trabalha junto para obter melhores condições de vida e de trabalho. Enquanto empresa, deve manter-se competitiva no mercado sem ferir os interesses dos cooperados nem os princípios cooperativistas, tendo que ser eficiente nas relações intercooperativas a fim de fortalecer a rede e o crescimento deste tipo de economia (Portal do Cooperativismo Financeiro 2015).

2.2 Cooperativismo no mundo

Observa-se, segundo Rossi (2005), que o marco fundamental do cooperativismo deu-se em 21 de dezembro de 1844, em Rochdale, na cidade de Manchester, na Inglaterra, onde vinte e oito tecelões(28) fundaram a Sociedade dos Pobros Pioneiros de Rochdale, buscando dessa forma, alternativas econômicas para atuar no mercado, pois o capitalismo da época os mantinha em um regime exploratório, em que mulheres e crianças trabalhavam entre dezesseis horas e dezessete horas por dia e o desemprego acarretado pela revolução industrial era muito grande. Inicialmente foram extremamente criticados, pois criou-se uma nova forma de pensar e agir, porém gradativamente foram mudando os padrões econômicos da época e a sociedade assimilou suas ideias.

O cooperativismo originou-se de pequenas organizações de operários e camponeses europeus que buscaram na auto-ajuda-mútua o benefício comum para a resolução dos problemas agravados a partir do século XIX. O ano de 1844, ano da fundação da cooperativa dos tecelões de Rochdale é tido como o momento de constituição do cooperativismo, do ponto de vista das organizações de características análogas. Assim, as primeiras experiências de trabalho cooperativo formalmente organizado surgem como uma alternativa econômica a situações históricas específicas, sendo reconhecido como um dos mais eficientes instrumentos de desenvolvimento e de possível transformação social. (DUARTE,1986, p.13).

Pode-se observar que, o cooperativismo surge em um momento crítico da vida dos tecelões, que enfrentavam condições de emprego sub-humano ou situações de extrema exploração das mulheres e das crianças, com horários abusivos de trabalho, decorrentes da Revolução Industrial. A nova forma de vida era vista como a única alternativa para aquelas pessoas, que não possuíam a quem recorrer.

Os tecelões buscavam formas alternativas de desenvolvimento, frente ao capitalismo rígido que praticavam preços abusivos e o aumento do desemprego, vindo pela revolução industrial (Pontes, 2006).

A partir daí, as pessoas, começaram a mudar seu padrão econômico e davam início ao movimento do cooperativismo no mundo e logo no primeiro ano o capital da cooperativa aumentou para cento e oitenta libras, sendo que tinha começado com vinte e oito. Em dez anos, já eram mil e quatrocentos cooperados do “Armazém de Riochdale” O sucesso da sociedade passou a ser exemplo para outros grupos.

As cooperativas são, assim, ao mesmo tempo uma associação de pessoas buscando espaço e vida digna, dentro do mercado, e uma empresa que procura responder a todas as necessidades econômicas, de trabalho e de renda de seus associados de forma cada vez mais eficiente e com qualidades na prestação de seus diversos serviços. (SCHNEIDER, 2010, p.41 e 42).

Conforme a Ocergs (2015), o cooperativismo brasileiro atinge treze áreas econômicas, sendo elas: agropecuário, consumo, crédito, educacional, especial, habitacional, infraestrutura, mineral, produção, saúde, trabalho, transporte e turismo. As cooperativas são regidas por sete princípios, sendo eles: Adesão voluntária e livre, gestão democrática pelos associados, participação econômica dos associados, autonomia e independência, educação, formação e informação, Intercooperação e Compromisso com a comunidade.

2.3 Cooperativismo no Brasil

No Brasil, o primeiro sistema cooperativo teve seu início em 1610, quando da criação das reduções jesuíticas, onde o trabalho coletivo, a ajuda mútua e os interesses coletivos estavam acima dos individuais e econômicos e a sociedade progrediu significativamente, permanecendo por mais de cento e cinquenta anos valorizando o bem-estar de seus integrantes e da família, servindo como exemplo para o futuro do cooperativismo. Os padres jesuítas colocaram em prática o sistema de mutirão para construir suas casas, igrejas, escolas e plantações para viverem em harmonia e com propósitos coletivos (Portal do Cooperativismo Financeiro, 2015).

No Brasil, a cultura da cooperação existe desde a época da colonização. O Movimento Cooperativista Brasileiro no final do século 19, estimulado por

funcionários públicos, militares, profissionais liberais e operários, para alcançar seus objetivos em comum.

O movimento cooperativista começou em área urbana, com a criação da primeira cooperativa de consumo que se tem registro no Brasil, em Ouro Preto (MG), no ano de 1889, denominada Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto. Depois, se estendeu para outros estados como Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, além de se expandir em Minas Gerais (OCB, 2015).

Eram poucas as pessoas informadas sobre a grande expansão das cooperativas num modelo autônomo que servia para suprir as necessidades dos próprios membros, isso, devido à falta de material didático apropriado e o trabalho escravo, esses foram grandes obstáculos para um maior desenvolvimento do sistema cooperativo.

Em 2 de dezembro de 1969 foi criada a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), mas foi só no ano seguinte, que a entidade foi registrada em cartório. Nesse momento se consolidou formalmente aquela que é a única representante e defensora dos interesses do cooperativismo nacional. Sociedade civil e sem fins lucrativos, isento de política e religião (OCB, 2015)

O sistema cooperativista no Brasil sustenta-se na lei 5.764/1971, que autoriza o funcionamento das cooperativas e define a Política Nacional Cooperativista Brasileira, onde as cooperativas devem ser constituídas por no mínimo 20 pessoas físicas, sendo excepcionalmente permitida a admissão de pessoa jurídica que tenha por objetos as mesmas atividades econômicas das pessoas físicas, ou ainda aquelas sem fins lucrativos (PARÉ 2010).

As cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades pelas seguintes características: I - adesão voluntária, com número ilimitado de associados, salvo impossibilidade técnica de prestação de serviços; II - variabilidade do capital social representado por quotas-partes; III - limitação do número de quotas-partes do capital para cada associado, facultado, porém, o estabelecimento de critérios de proporcionalidade, se assim for mais adequado para o cumprimento dos objetivos sociais; IV - inaccessibilidade das quotas-partes do capital a terceiros, estranhos à sociedade; V - singularidade de voto, podendo as cooperativas centrais, federações e confederações de cooperativas, com exceção das que exerçam atividade de crédito, optar pelo critério da proporcionalidade; VI - quórum para o funcionamento e deliberação da Assembleia Geral baseado no número de associados e não no capital; VII - retorno das sobras líquidas do exercício, proporcionalmente às operações realizadas pelo associado,

salvo deliberação em contrário da Assembleia Geral; VIII - indivisibilidade dos fundos de Reserva e de Assistência Técnica Educacional e Social; IX - neutralidade política e indiscriminação religiosa, racial e social; X - prestação de assistência aos associados, e, quando previsto nos estatutos, aos empregados da cooperativa; XI - área de admissão de associados limitada às possibilidades de reunião, controle, operações e prestação de serviços. (LEI 5.764/71).

Segundo a OCB (2015), em 1995, o cooperativismo brasileiro ganhou o reconhecimento internacional. Roberto Rodrigues, ex-presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras, foi eleito o primeiro não europeu para a presidência da Aliança Cooperativista Internacional (ACI), onde este fato teve grande importância para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras.

No ano de 1998 nascia o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop). A mais nova instituição do Sistema “S” veio somar à OCB com o viés da educação cooperativista. É responsável pelo ensino, formação, profissional, organização e promoção social dos trabalhadores, associados e funcionários das cooperativas brasileiras (OCB, 2015)

Segundo dados da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS), 2015, o Cooperativismo no Brasil passa por um momento de ascensão, em que existem 7.121 cooperativas espalhadas por todo o território nacional, com cerca de 12.793.957 associados, gerando 365.800 empregos diretos, contribuindo de forma incisiva na geração de emprego e renda e no desenvolvimento efetivo e concreto das comunidades onde estão presentes, sendo balizador de mercado, fazendo com que tenhamos uma sociedade um pouco menos desigual.

Pode-se observar que as cooperativas são de grande importância na sociedade, pois é através delas que as pessoas se unem com objetivos em comum e trabalham em conjunto para alcançar os mesmos. É através das cooperativas, que muitas pessoas tiram seu sustento, dão estudos para seus filhos e vivem de forma mais digna.

2.4 Cooperativismo no Rio Grande do Sul

Segundo a OCERGS, em 1902, por iniciativa do padre suíço Theodor Amstadt surgia às primeiras cooperativas de crédito do Rio Grande do Sul, na Linha Imperial em Nova Petrópolis/ RS. Através da inspiração de padre jesuíta,

conhecedor do cooperativismo alemão, instalavam-se no Rio Grande do Sul, as primeiras cooperativas de crédito agrícola. O modelo aplicado pelo padre, aplicava-se as pequenas comunidades rurais e baseava-se na honestidade de seus associados

Foi a partir de 1906, que nasceram e se desenvolveram as cooperativas no meio rural, idealizadas por produtores agropecuários. A grande maioria deles, eram de origem alemã e italiana. Os imigrantes trouxeram de seus países a bagagem cultural, o trabalho associativo e a experiência de atividades familiares comunitárias, que lhes motivaram a organizar-se em cooperativas (OCB, 2015).

No Rio Grande do Sul, o cooperativismo está estruturado nos mesmos moldes do cooperativismo brasileiro, ou seja, por ramos de atividades. Segundo a OCERGS (2015), o sistema cooperativista gaúcho evoluiu constantemente e atualmente conta com 440 cooperativas com cadastro ativo e com 2,6 milhões de cooperados gerando 58,4 empregos diretos.

O Estado é o segundo com o maior número de associados no País, com 2,6 milhões de pessoas, o que representa 21,6% do quadro de associados do Brasil. O sistema cooperativista gaúcho gera emprego direto para 58,4 trabalhadores, sendo o terceiro no ranking nacional. Conforme o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul (Sescoop/RS, 2015).

2.5 Cooperativismo de crédito

Sabe-se que entre os treze ramos do cooperativismo, estão as cooperativas de crédito, criadas para oferecer soluções financeiras conforme as necessidades dos associados. Elas são um importante instrumento de incentivo para o desenvolvimento econômico e social. As cooperativas de crédito são destinadas a promover a poupança e financiar necessidades ou empreendimentos dos associados, mantendo seus recursos nas comunidades onde estão inseridas.

Conforme o Portal do Cooperativismo Financeiro (2015), “cooperativas de crédito é uma instituição financeira, organizada de forma cooperativa pelos seus associados, que ao mesmo tempo são donos e usuários”. Na cooperativa de crédito, todas as operações realizadas pelo associado, como empréstimos, aplicações, depósitos entre outros, são revertidas em seu benefício, e os recursos aplicados nas

cooperativas ficam na própria comunidade, isso contribui para o desenvolvimento das comunidades onde estão inseridas.

A cooperativa de crédito é uma instituição financeira formada por uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, sem fins lucrativos, constituída para prestar serviços a seus associados. O objetivo da constituição de uma cooperativa de crédito é prestar serviços financeiros de modo mais simples e vantajoso aos seus associados, possibilitando o acesso ao crédito e outros produtos financeiros (aplicações, investimentos, empréstimos, financiamentos, recebimento de contas, seguros, etc.) (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2015)

O cooperativismo de crédito atua como instrumento de organização econômica da sociedade. As cooperativas de crédito têm seus diferenciais competitivos que vão além do preço e da qualidade dos produtos e serviços de natureza bancária oferecidos, a sua atuação faz com que os recursos financeiros disponíveis na sua área de atuação, por ela administrados, sejam colocados à serviço da atividade econômica do seu quadro social.

As Cooperativas Financeiras buscam promover a poupança e oferecer crédito para as necessidades ou empreendimentos dos seus associados, além de prestar todos os outros serviços de natureza bancária e correlatos. São instituições financeiras pertencentes ao Sistema Financeiro Nacional e controlado pelo Banco Central. São de propriedade coletiva, democraticamente administrada e têm como dirigentes pessoas do seu quadro social. No entanto, não têm acesso à Câmara de Compensação, à Reserva Bancária e ao Mercado Interfinanceiro. Sendo assim, para operarem, necessitam de um Banco comercial como parceiro (SICCOB, 2015).

O grande marco do cooperativismo de crédito brasileiro deu-se em 28 de dezembro de 1902, no estado do Rio Grande do Sul, no município de Nova Petrópolis, na localidade da Linha Imperial, onde um grupo de produtores rurais, liderados pelo padre suíço Theodor Amstad, fundou a primeira Cooperativa de Crédito do Brasil que permanece até hoje com o nome de Sicredi Pioneira, servindo de exemplo para criação de diversas cooperativas do mesmo segmento pelo país (Pagmussatt, 2004).

No Brasil as cooperativas financeiras são equiparadas às instituição financeira (Lei 4.595/64) e seu funcionamento deve ser autorizado e regulado pelo Banco Central do Brasil. O Cooperativismo possui também legislação própria, a Lei 5.764/71 e a Lei Complementar 130/2009. Da mesma forma que nos bancos, os administradores das cooperativas financeiras estão expostos a Lei dos Crimes Contra o Sistema Financeiro Nacional (Lei 7.492) caso incorram em Má Gestão ou Gestão Temerária de

Instituição Financeira (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2015)

Sabe-se sobre as dificuldades e a evolução do mercado atual, a alta competitividade, margens cada vez mais apertadas, clientes cada vez mais exigentes. Com tudo isso as organizações cooperativas, principalmente as de crédito, buscam cada vez mais conhecer seus associados e suas exigências para que desta forma possam lhe oferecer produtos e serviços que satisfazem ao máximo suas necessidades, prolongando relacionamentos, estreitando relações, criando muitas vezes um laço forte de dedicação de seus cooperados, ampliando assim a vida útil de seus produtos e serviços, alavancando o negócio em retorno e sobras.

2.6 Educação Cooperativa

Sabe-se que educação e capacitação são importantes em qualquer instituição, mas nas cooperativas, é questão de sobrevivência, com isso a educação cooperativa vem para mudar o comportamento do associado, deixando de ser desinformado, não participativo, individualista e competitivo para um perfil de associado bem informado, solidário motivado e participativo, fazendo com que a cooperativa cresça.

A educação visa explorar as potencialidades do indivíduo e fazer com que o ser humano pense, reflita, discuta, aja. Pretende-se que a pessoa conheça sua organização e se encontre com sua realidade. Deseja-se, por meio de um processo gradual, despertar o interesse das pessoas e motiva-las para que possam participar ativamente em suas instituições e serem agentes de melhoria ou de transformação de sua realidade (SCHNEIDER, 2011, p.13).

A cooperação está presente desde os tempos antigos, contudo nos dias de hoje, as pessoas vivem de forma individualista, por mais que a cooperação faça parte de seu processo histórico.

A educação cooperativa, além de capacitar as pessoas a adquirirem um melhor conhecimento sobre o que é e exige a cooperação, sobre o que é a identidade específica das organizações cooperativas, visa igualmente atrair novo associados, reforçar e qualificar a participação dos cooperados, reciclar os funcionários para que eles possam ter um bom relacionamento com os coproprietários do empreendimento e, também para conhecer melhor a organização na qual trabalham. (SCHNEIDER, 2011, p. 15).

Sabe-se que antes do surgimento dos pioneiros de Rochdale, os socialistas utópicos, conhecidos como os precursores dos pensamentos cooperativo, buscavam uma solução para os problemas observados na realidade onde viviam. Na época, durante a Revolução Industrial, os trabalhadores não tinham direitos, trabalhavam em locais insalubres, com o pouco salário, mal conseguiam adquirir o básico para a sobrevivência e não tinham nenhum acesso à educação.

Uma vez por semana, alguns dos Pioneiros, se reuniam para discutir sobre o progresso do bem estar humano e as, mas condições que eram tratados os operários. Nessas discussões, em 1849 se deu origem ao Departamento de Educação. Em 1854 foi feita uma reforma nos estatutos, onde no Art. 42 se estabelece a destinação de 2,5% dos excedentes para um Fundo de Educação, bem como a escolha pela Assembleia Geral de 11 membros para fazer parte do Departamento de Educação (OCB 2015)

Além da necessidade de possuírem uma nova forma de organização, mais justa, com valorização de seus membros, a cooperativa de Rochdale, incluiu em sua sociedade uma estrutura que valorizava a educação, fazendo com que seus membros reunissem-se à noite para estudarem, criando uma biblioteca e nomeando uma comissão para arrecadar fundos e livros na sociedade e, dessa forma, tornarem-se mais cultos e conduzirem a estrutura da mesma de forma correta. Com o passar do tempo, a aceitação por parte dos membros foi enorme e a cooperativa teve que adquirir mais livros para sua biblioteca, chegando no ano de 1876, a possuir mais de doze mil exemplares, além de jornais e outras publicações. A educação de seus membros foi o fator determinante para o sucesso da sociedade cooperativa (Holyoake, 2008)

Observa-se que ao longo da história do cooperativismo a educação sempre foi condição essencial para o exercício da cooperação. Uma outra contribuição da educação cooperativista é manter os filhos dos trabalhadores rurais na escola na época do plantio e das colheitas, garantindo a educação sem interrupção.

A educação cooperativista deve propor-se, de ao nível de sociedade, ser um instrumento eficaz na construção de um tipo de convivência social onde a tão alardeada mas pouco realizada democratização de oportunidades, seja acompanhada pela democratização dos resultados atingidos pela sociedade (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2015)

O quinto princípio do cooperativismo destaca a importância da educação cooperativa para o bom entendimento por parte dos associados em relação aos demais princípios e valores cooperativista. Através da educação cooperativa, os associados sabem de seus direitos e deveres e entendem as leis cooperativista.

O compromisso das cooperativas com a educação é muito antigo, pois, durante a trajetória da formação e vigência dos princípios a educação sempre esteve presente no elenco dos princípios, e obteve mais ou menos prioridade. Na atualidade a declaração da ACI deixa bem clara a sua importância para o movimento cooperativo. A ideia de educação é acompanhada por informação e capacitação aos sócios e é estendida aos empregados, jovens e líderes de opinião (Schneider, 2011, p.37).

A lei 5764/ 1971, inciso II, determina que as cooperativas tenham o FATES- Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social, com recolhimento mínimo de 5% das sobras do exercício.

O FATES - Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social - que tem sua previsão legal no art. 28, II da Lei 5764/71, é destinado à prestação de assistência aos associados, seus familiares e, quando previsto nos estatutos, aos empregados da cooperativa, constituído de 5% (cinco por cento), pelo menos, das sobras líquidas apuradas no exercício, bem como, dos resultados das operações das cooperativas com não associados, mencionados nos artigos 85 e 86 da Lei 5764/71 (atos não cooperativos). Cabe ressaltar, ainda, que o aspecto mais relevante do referido Fundo encontra-se previsto no art. 4º da Lei Cooperativista, que determina a indivisibilidade do FATES como característica imanente da sociedade cooperativa (OCERGS, 2015)

Passados tantos anos, a educação possui um papel fundamental na vida das pessoas e está inserida no dia a dia das cooperativas, com o Sicredi não é diferente: seja em incentivos para os colaboradores e dirigentes no sentido de buscarem um crescimento profissional, seja aos associados, através de reuniões, materiais informativos e o programa social A União Faz a Vida, além de ser presença marcante na comunidade onde está inserida.

2.7 O Programa A União Faz a Vida

Em mil novecentos e noventa e dois (1992), dirigentes do SICREDI fizeram uma visita as cooperativas de crédito da Argentina e Uruguai, onde em uma visita a uma cooperativa habitacional onde também funcionava uma cooperativa escola, os mesmos foram recebidos e guiados por uma criança de onze anos que demonstrou

muito conhecimento sobre o cooperativismo (Coleção de Educação Cooperativa, 2008).

O Sicredi viu a necessidade da construção de uma nova cultura sobre cooperação e empreendedorismo. Em mil novecentos e noventa e três(1993), juntamente com O Centro de Desenvolvimento e Pesquisa sobre o cooperativismo da Unisinos (Universidade Vale do Rio Sinos) – São Leopoldo/ RS o Sicredi iniciou um programa de educação cooperativa, onde foram contratadas pessoas especializadas no assunto para trabalhar com uma metodologia de ensino, onde o coletivismo e empreendedorismo seriam os protagonistas, substituindo a pratica individual.

Surgiu então, a ideia inicial do Programa A União Faz a Vida em vinte e sete de janeiro de mil novecentos e noventa e quatro. O conselho de administração da Cooperativa Central de Crédito do RS aprovou o cronograma inicial, implantando seu projeto inicial na cidade de Santo Cristo/ RS. A partir dai o projeto só se multiplicou.

A missão do Sicredi (2012) “como sistema cooperativo, valorizar o relacionamento, oferecer soluções financeiras para agregar renda e para contribuir para melhoria da qualidade de vida dos associados”, com base em sua missão o Sicredi utiliza o quinto e o sétimo princípio do cooperativismo que são respectivamente: Educação, formação e informação e Interesse pela comunidade.

O Programa a União Faz a Vida tem como objetivo “construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes, em âmbito nacional” (Coleção de Educação Cooperativa, 2008, p.7).

Cooperação e Cidadania são os princípios que orientam o Programa, nessa perspectiva, é imprescindível que todos sejam envolvidos por esses princípios em seu cotidiano, pois se acredita que a apropriação de novas posturas e atitudes só ocorre quando elas são vivenciadas no dia a dia, isto é importante na medida em que revisitamos a história do cooperativismo no Brasil. (Basso, 2012, p.43)

É preciso incentivar seriamente a cooperação, o diálogo e a comportamento solidário, especialmente quando se pensa num esforço educacional abrangente que envolve a comunidade, uma educação que investe na formação de consciência coletiva democrática (COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA, 2008, p.8)

O princípio da cooperação tem como objetivo fortalecer as pratica de convivência, pois é preciso incentivar a cooperação entre crianças e adolescentes, o diálogo e o comprometimento solidário. O princípio da Cidadania é descrito pelo Programa como o valor básico para sociedade democrática e deve ser compreendida como o exercício de direitos e responsabilidades (A União Faz a Vida, 2015)

O Programa A União Faz a Vida contribui com a educação integral de crianças e adolescentes, compreendendo que educar integralmente é formar uma pessoa globalmente, tornando-a apta a participar do mundo em que vive, de modo a realizar e expandir suas necessidades e potencialidades. Essa perspectiva de educar integralmente compreende os sujeitos em suas múltiplas características: física, emocional, psicológica, intelectual, cultural e espiritual (COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA, 2008, p.11).

A abelha é a mascote que representa o Programa A União Faz A Vida como sinônimo de cooperação e trabalho, pois leva em seu peito o símbolo do cooperativismo que fortalece sua identidade junto com a educação cooperativa;

O Programa A União Faz A Vida mantém a pratica do 5º e 7º princípio do cooperativismo que são respectivamente: Educação, Formação e Informação e Interesse pela Comunidade.

Para o seu desenvolvimento, o Programa A União Faz a Vida depende de uma rede de cooperação, que é representado pela flor, conforme figura abaixo, onde cada pétala representa um agente necessário nesse desenvolvimento. Essas pétalas se unem em torno de um objetivo comum que é a educação cooperativa.

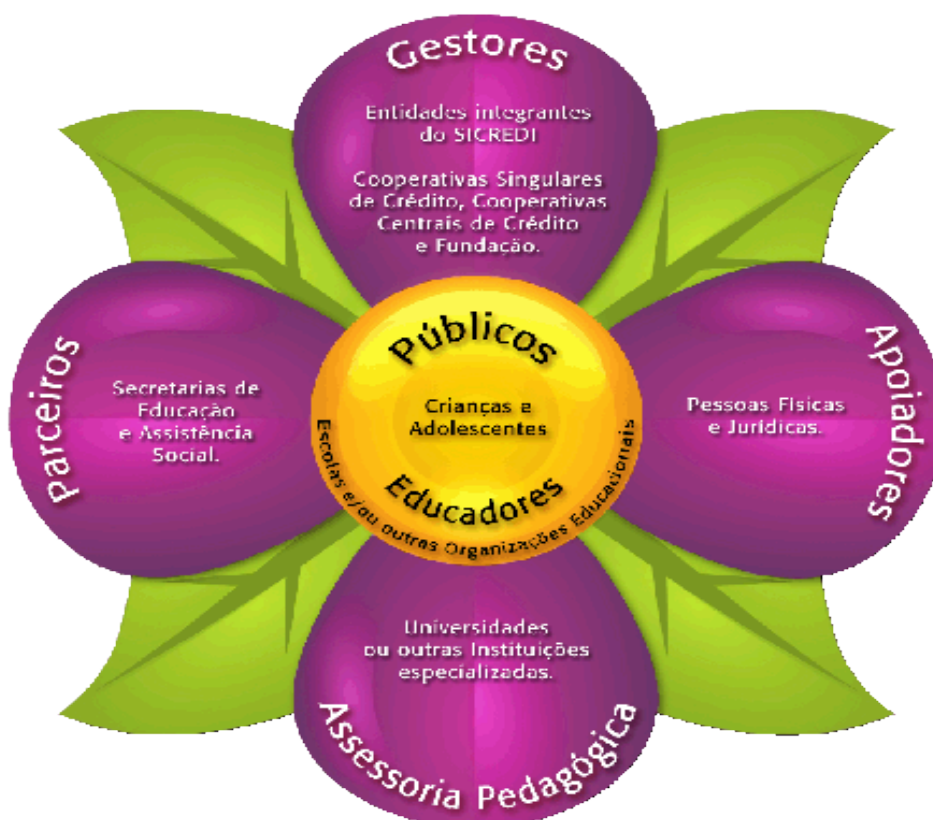


Figura 1: Rede de cooperação.

Fonte: Coleção de educação cooperativa, 2008, p14.

As quatro pétalas são representadas pelos Gestores, Parceiros, Acessória Pedagógica e Apoiadores, no centro da flor estão as crianças e os adolescentes, que são o público alvo e seus educadores.

GESTORES: São esses que agem de forma estratégica, pois buscam apoiadores, a acessória pedagógica e apoiadores necessários para o desenvolvimento do Programa.

PARCEIROS: Tem o papel de desenvolver as práticas educativas para exercer a cooperação e cidadania.

ASSESSORIAS PEDAGOGICAS: Esses tem o papel de dar a formação para os educadores colocar em pratica os princípios de cooperação e cidadania. São pessoas físicas ou jurídicas que são comprometidas com a formação dos educadores. Para assumir o papel de acessória pedagógica, esses precisam de habilitação promovida pelo SICREDI.

APOIADORES: São pessoas da comunidade que buscam as melhores condições para a execução do Programa. Podem apoiar o Programa em nível nacional, regional ou local, com recursos financeiros, materiais ou humanos, ou,

apoiar as escolas locais disponibilizando materiais específicos e recursos para o desenvolvimento do projeto.

Segundo a COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA, 2008, a implantação do Programa é dividida em três fases, representadas pela tabela abaixo.

ANO 1	ANO 2	ANO 3 EM DIANTE
<u>ARTICULAÇÃO</u>		
	<u>REALIZAÇÃO</u>	
		<u>DESENVOLVIMENTO</u>

Quadro1- Fases do Programa A União Faz a Vida
Fonte: Coleção de educação cooperativa, 2008, p.13

Na fase de Articulação é quando a Cooperativa de Crédito Sicredi se une a comunidade escolar para desenvolver o projeto, pois começa os encontros entre os educadores, a comunidade escolar, juntamente com a Acessória Pedagógica. A fase de articulação se dá com a assinatura do termo de cooperação entre o gestor do Programa (Cooperativa de Crédito) e o parceiro (Secretaria de Educação).

A fase de Realização é a formação dos educadores juntamente com a Acessória Pedagógica, esse foi desenvolvido na fase de articulação. Trata-se de expandir as práticas de cooperação e cidadania, esses princípios do Programa. A estratégia de formação é criar projetos onde haja a prática de cooperação entre alunos e professores. No final dessa fase, é apresentado os projetos para a qual dialogam com as estratégias propostas para a realização do Programa.

Na terceira fase, no Desenvolvimento aplica-se a execução dos projetos, neste momento os educadores terão o objeto de desenvolver os projetos e seus desafios. Trata-se de expandir a cooperação e cidadania entre a escola e comunidade, onde todos irão participar da execução dos projetos. Os resultados dos projetos orientam os agentes do Programa nas ações dos anos subsequentes.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipos de Pesquisa

Este trabalho é um estudo de caso, em uma escola que está implantando o Programa União Faz a Vida, onde este se caracteriza por ser um tipo de pesquisa que ressalta a coleta de dados, onde poderão ser obtidos através de análise de documentos, entrevistas, aplicação de questionários, depoimentos pessoais e observação espontânea do observador, (Gil 2011).

Segundo Gil (2011), “as pesquisas são classificadas como: exploratórias, descritivas e explicativas. A pesquisa exploratória procura demonstrar um estudo sobre um tema pouco conhecido”.

A pesquisa utilizada foi exploratória, que conforme GIL (2011) “esse se utiliza de levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram participação com o problema pesquisado”.

Segundo Neves:

A pesquisa qualitativa tem como objetivo a compreensão e a reconstrução da realidade social, especialmente a reconstituição dos sentidos e motivações das ações dos indivíduos, a descrição, explicação e interpretação das ações sociais e a reconstituição de estruturas de ação. (NEVES, 1998, p.78).

Quanto a natureza da pesquisa, foi do tipo qualitativa, pois utilizou-se questionários com perguntas abertas, para os professores, alunos e para os pais dos alunos.

3.2 Universo e amostra

Foram aplicados questionários aos alunos, pais e professores da Escola Municipal de Santa Flora, no município de Santa Maria. Os questionários foram entregues para os entrevistados para que seja feita a coleta de dados.

No cálculo da amostra, utilizou-se o método de Barbeta (1994) descrito logo abaixo. Perspectiva de margem de 90% de confiança e 10% de margem máxima de erro.

$$\begin{aligned} n_o &= 1/ Eo^2 \\ n &= N.n_o/N+n_o \end{aligned}$$

Sendo:

N=tamanho (número de elementos) da população
 n=tamanho (número de elementos) da amostra
 no =uma primeira aproximação do tamanho da amostra
 Eo²=erro amostral tolerável

Com o presente estudo aplicou-se questionários para os alunos (as) do 5º ano ao 9º ano do ensino fundamental, aos seus pais e professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora.

Como o número de alunos do 5º ano ao 9º ano da referida escola (Base outubro de 2015) é de 58 alunos (as), temos:

N=tamanho (número de elementos) da população= 58

n=tamanho (número de elementos) da amostra

no=uma primeira aproximação do tamanho da amostra

Eo²=erro amostral tolerável= 10%

no= $1 / (0,10)^2 = 100$

n= $58.100/58 + 100 = 36,71$

Ou seja, para obtermos um resultado dos questionários com uma margem de erro tolerável de no máximo 10%, o correto seria a aplicação de 37 questionários aos alunos, porém, para melhor qualificar a pesquisa, foram aplicados questionários com todos os alunos (as) do 5º ano ao 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora.

Quanto ao número de pais dos alunos da escola acima citada é de 58, temos:

N=tamanho (número de elementos) da população= 58

n=tamanho (número de elementos) da amostra

no=uma primeira aproximação do tamanho da amostra

Eo²=erro amostral tolerável= 10%

no= $1 / (0,10)^2 = 100$

n= $58.100/58 + 100 = 36,71$

Assim sendo, para obtermos um resultado dos questionários com uma margem de erro tolerável de no máximo 10%, o correto seria a aplicação de 37

questionários aos pais, porém, para melhor qualificar a pesquisa, foram aplicados 47 questionários aos pais dos alunos.

Também foram aplicados questionários aos professores dos alunos do 5º ao 9º ano e a direção (diretora e vice-diretor) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora. O número de professores (dados obtidos junto a escola em outubro de 2015), mais a direção é de 9, assim temos:

N =tamanho (número de elementos) da população= 9

n =tamanho (número de elementos) da amostra

n_0 =uma primeira aproximação do tamanho da amostra

E_0^2 =erro amostral tolerável= 10%

$n_0 = 1 / (0,10)^2 = 100$

$n = 9 \cdot 100 / 9 + 100 = 8,26$

Logo, para obtermos um resultado dos questionários com uma margem de erro tolerável de no máximo 10% o correto seria a aplicação de 8 questionários, porém, para melhor qualificar a pesquisa, foram aplicados questionários com todos os professores do 5º ano ao 9º ano e direção da escola acima mencionada.

3.3 Coleta de Dados

Os dados foram coletados através de aplicação de questionários na Escola Municipal de Santa Flora, em Santa Maria/ RS, na primeira quinzena do mês de outubro. Em relação ao questionário, onde Oliveira (2002) define como “instrumento que serve de apoio ao pesquisador para coleta de dados e na sua elaboração de pesquisa, é uma estrutura que leva o pesquisador a obtenção das respostas necessárias”.

O questionário foi elaborado com perguntas abertas, tendo como objetivo entender se a Implantação do Programa A União Faz a Vida trouxe alguma mudança no dia a dia dos alunos e seus principais desafios.

Aos alunos foi elaborado um questionário com 7 perguntas abertas buscando entender as ideias dos alunos sobre o Programa A União Faz a Vida e seus entendimentos sobre cooperação.

Para os pais foi elaborado um questionário com 9 perguntas abertas procurando entender seu conhecimento sobre a aplicação do Programa A União Faz a Vida junto a escola de seu filho, a participação, apoio e incentivo a cooperação.

Quanto aos professores, foi elaborado questionários com 15 perguntas abertas, com isso buscou-se identificar benefícios, desafios e mudanças com a implantação do Programa na escola.

3.4 Tratamento dos dados

O tratamento dos dados foi qualitativo, através da análise dos questionários, onde se buscou identificar os desafios na implantação do Programa A União faz a vida na Escola Municipal de Santa Flora, Santa Maria/ RS.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO 2010, p 47).

Assim sendo, poderá observar se houve alguma mudança no comportamento dos alunos em relação a cooperação.

3.5 Limitação do estudo

Buscando maior veracidade dos dados obtidos junto aos pais, professores e alunos, buscou-se sempre a sinceridade e companheirismo dos mesmos na hora da aplicação, pois somente com palavras e sentimentos verdadeiros é que foi possível a realização de um trabalho que almejasse a maior confiabilidade dos dados obtidos.

Com os resultados obtidos, aspirasse conhecer realmente a percepção dos alunos, pais e professores sobre os desafios, mudanças e benefícios com a implantação do Programa A União Faz a Vida, na Escola de Ensino Fundamental Santa Flora. Para que o índice de confiabilidade fosse realmente válido, e que com esses resultados, seja possível ajudar ainda mais na implementação, continuidade e fortalecimento do programa, fazendo com que alunos pais e professores percebam sua real importância para que a escola e continue sendo um diferencial na educação dos alunos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, busca-se desenvolver os objetivos propostos deste estudo. Primeiramente será apresentada a escola onde foi aplicado o questionário para se chegar aos resultados desse estudo. O mesmo será dividido em partes para um melhor entendimento do trabalho proposto.

Para se chegar ao resultado desse estudo, foram aplicados três tipos de questionários, sendo um para os pais, outro para alunos e outro para professores e direção. Os respondentes foram: 58 pais, 58 alunos (do 5º ano ao 9º ano) e 9 professores, sendo 2 da direção da escola. Os alunos entrevistados tem idade entre 11 a 16 anos, o tempo que estes estão matriculados na escola é de 3 meses a 9 anos. Quanto aos educadores, estes lecionam na escola com tempo que varia entre 2 a 34 anos.

4.1 Caracterização da Escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora foi fundada em 20 de agosto de 1958, com a denominação de Escola Rural de Colônia Vacacaí, atendendo inicialmente alunos de 1ª a 5ª séries.

No ano de 1987, passou a denominar-se Escola Municipal de 1º Grau Santa Flora, passando a atender no ano seguinte com o 1º Grau completo. No ano de 1993, reunindo oito escolas das comunidades vizinhas, passou a funcionar como Escola-Núcleo. No ano seguinte, 1994, passou a tender também alunos da Pré-Escola.

A partir do ano de 2000, iniciou o funcionamento de Escola Núcleo em regime de turno integral, denominando-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora, sistema que continua sendo usado atualmente.

A escola possui sete salas de aula, sala de professores, sala de direção, sala de supervisão, refeitório, biblioteca, secretaria, banheiros, quadra de esportes, pracinha e campo de futebol sete, sala de informática e sala de brinquedoteca. Atende a 135 alunos de Pré-Escola ao 9º ano.

Nessas condições, aplicou-se três tipos de questionários com perguntas abertas para todos os envolvidos na implantação do Programa A União Faz a Vida na escola, onde buscou-se identificar o seu entendimento sobre o Programa.

4.2 Identificações dos principais desafios na implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Flora em Santa Maria/ RS.

Atualmente o ensino público no Brasil vem passando por inúmeras dificuldades, com isso a implantação do Programa vem encontrando desafios, devido seu público alvo ser crianças e adolescentes que atualmente vivem em mundo “mais virtual”.

O Programa A União Faz a Vida surgiu nas escolas, com o propósito de ampliar o conhecimento de crianças e adolescentes sobre cooperativismo, sociedades cooperativas e cooperação.

A Escola de Ensino Fundamental de Santa Flora foi escolhida pelo Sicredi para a implantação do Programa A União Faz a Vida porque grande parte da comunidade há muito tempo faz parte do quadro de associados da cooperativa. Há alguns anos atrás o Sicredi em Santa Maria atendia somente o público rural, o que fez com os moradores de Santa Flora se tornassem associados, assim a cooperativa sempre deu o apoio e o suporte necessário para o crescimento e desenvolvimento do plantio, pois a soja é a cultura explorada pelos agricultores da comunidade. Parte do crescimento do Sicredi em Santa Maria se dá à comunidade de Santa Flora, que participa ativamente da cooperativa trazendo mais resultados para a mesma.

Com a aplicação dos questionários identificou-se alguns desafios na implantação do Programa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora.

A pouca participação da família em atividades de cooperação na escola, segundo os questionários, está sendo um dos principais desafios, visto que a implantação do Programa envolve a participação dos pais na execução dos projetos que foram escolhidos por seus filhos, com o auxílio dos professores.

A chegada do Programa na escola trouxe primeiramente novidades para os professores que não tinham conhecimento sobre o mesmo, porém com o suporte da Acessória Pedagógica hoje todos sabem de sua importância para a escola e

comunidade, visto os benefícios que o Programa acrescentou para a escola. Os professores estão buscando novos conhecimentos e aperfeiçoando sua metodologia de ensino, incentivando a cooperação entre os alunos no seu dia a dia, em atividades na escola praticando a solidariedade, dando bons exemplos de cooperação, realizando trabalhos em grupos, como podemos observar na resposta de um professor, que diz: “Até o início do ano de 2015 eu não tinha conhecimento do Programa, agora estou conhecendo e penso que o Programa pode ajudar as escolas a colocar em pratica muitas ideias para melhorar o ensino”.

A implantação do Programa na escola, também deve contar com a conscientização dos alunos, o que tornou desafiador, pois as turmas são agitadas e a execução dos projetos, em algumas vezes, envolve a utilização de ferramentas manuais, logo, aumentou a preocupação e o cuidado dos professores para que os alunos não viessem a se machucar ou agredir seus colegas, como observamos na fala de um professor, “trabalhar com a turma por muito agitada aumenta a preocupação com os alunos para que eles não se machuquem com o material utilizado: enxadas, pás, martelos, cerrotes, etc...”.

Outra barreira encontrada na implantação do Programa foi a percepção, onde a maior parte dos alunos eram individualistas. Em algumas respostas, foi possível identificar esse individualismo. Um entrevistado do 6º ano diz assim: “não ajudo meu colega quando ele tem dificuldades, deixo ele fazer sozinho para aprender”. O projeto envolve trabalho em equipe, organização, disciplina, tudo isso ligado ao espírito de cooperação entre os alunos, pais e professores.

A barreira do individualismo foi superada, segundo alguns professores entrevistados os alunos estão mais solidários e motivados a participar das atividades, pois despertou o interesse em trabalhar em grupo, um entrevistado do 7º ano diz “prefiro trabalho em grupo porque a gente compartilha conhecimentos...”.

4.3 Identificação sobre o conhecimento dos pais e alunos sobre o Programa A União Faz a Vida.

Todas as empresas quando tem como objetivo a implementação de novos programas surge como desafio buscar o conhecimento e a participação de todas as partes envolvidas. Com as cooperativas o processo não é diferente.

A implantação do Programa A União Faz a Vida pelo Sicredi procura uma aproximação da família com a comunidade escolar, com isso, através da aplicação dos questionários identificou-se a participação e o conhecimento dos pais sobre o Programa, a cooperação e a educação cooperativa.

Quanto ao Programa a maioria dos pais o desconhece, ou sabem muito pouco sobre ele, devido segundo eles, a falta de tempo em participar nas atividades desenvolvidas pela escola, que visam principalmente a integração dos pais e filhos com a escola, sendo assim, a uma baixa participação dos pais na escola. A maioria participa aos sábados e ajuda em atividades diversas, dos projetos que foram desenvolvidos por seus filhos, assim temos pais e filhos cooperando juntos.

Os alunos também desconheciam o Programa, e como o mesmo foi implantado na escola neste ano, alguns ainda não têm o total conhecimento sobre o mesmo. O que se percebeu nos questionários é que todos sabem o significado de cooperar, pois os mesmos o definem como “ajudar uns aos outros e realizar trabalhos em equipe”. A maioria participou ativamente na execução dos projetos, cooperando um com o outro e todos com o mesmo objetivo, deixar a escola com um ambiente mais agradável, bonito e organizado.

Percebe-se que a maioria dos pais entrevistados sabe o significado de educação cooperativa, pois alguns o definem como um meio de interagir os alunos, escola e pais. Um pai entrevistado diz “é trabalhar unidos e compartilhar os mesmos interesses...”.

Quando perguntado aos pais e alunos se eles sabiam o que significava cooperar todos responderam que sim. Alguns definiram cooperar como “ajudar os outros” um pai respondeu assim “unir forças com objetivos em comum...”. Cooperar teve várias definições, mas todas com o mesmo significado. Um aluno do 8º ano define cooperar como “ajudar os colegas e dividir o material”. Percebe-se que todos sabem o verdadeiro sentido de cooperar.

Em relação ao incentivo a cooperação por parte dos pais, todos responderam que incentivam o filho a cooperar. Ajudando os colegas, desde emprestar material a ser generoso e solidário. Segundo eles seus filhos também são incentivados a participar dos projetos na escola, com a organização e limpeza da mesma. Um pai diz assim “incentivo meu filho dando bons conselhos e como proceder dentro e fora da sala de aula...”. Pode-se perceber que os filhos são incentivados pelos pais a agir

de forma cooperativa, demonstraram grande preocupação quanto a isso, pois um pai disse “procuro sempre dar bons exemplos...”.

Foi possível identificar nas respostas dos pais que todos acham importante a cooperação entre alunos e a sua participação na escola de seu filho. Poucos disseram que participam das atividades na escola, esses, dizem que se todos participarem um pouquinho tudo tende a melhorar, um pai entrevistado diz “com nós participando estaremos incentivando nossos filhos a ajudar também...”. A grande maioria alega o pouco tempo, já que todos são agricultores e trabalham todos os dias até muito tarde.

4.4 Ações que possam mitigar as dificuldades oferecendo alternativas de soluções para melhoria dos resultados do programa, na escola.

O objetivo dessa pesquisa é analisar as condições e os desafios na implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Flora em Santa Maria/ RS. Através dos questionários respondidos por pais, alunos e professores salientam-se algumas contribuições e proposições.

-Criação de uma cooperativa escola. Criar na escola uma cooperativa escolar, onde os alunos pudessem trabalhar juntos, a diretoria da mesma poderá ser composta somente por alunos e estes com a ajuda de um gestor constituir a cooperativa. A escola desenvolveu o projeto que se chama “Nossa Horta”, pois através dessa horta pode ser comercializados os produtos da cooperativa. A escola pode ter um reconhecimento maior, sendo exemplo de cooperação e cidadania.

-Proporcionar momentos de cooperação. Onde uma vez no mês todos pudesse desenvolver atividades em equipe como jogos e confraternizações, pois assim poderá despertar o interesse por trabalhar em grupo.

-Encontro da família com o tema: Conhecendo O Programa A União Faz a Vida. No início do ano letivo, fazer uma apresentação a família sobre a importância do programa A União Faz a Vida na escola, mostrando aos mesmos que o programa desperta em seus filhos o interesse de trabalhar em grupo e quanto sua participação é importante na escola. Despertar nas famílias o interesse em participar.

-Divulgação do Programa. Não só para os pais, mas para toda comunidade de Santa Flora, através de eventos que acontecem na comunidade, como festas na

escola e a na festa da soja que acontece na comunidade uma vez ao ano e recebe visitantes de outras comunidades.

- **Desenvolvimento dos projetos.** Poderia ser no início do ano letivo, para que se possa trabalhar durante o ano todo, para que de tempo de desenvolver todos os projetos.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho possibilitou analisar os desafios na implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora. Com isso pode-se perceber que o Programa enfrentou alguns desafios na sua implantação, mas todos foram superados e desenvolvidos por todos os envolvidos diretamente no Programa.

Diante dos questionários foi possível identificar a visão dos pais, alunos e professores sobre o Programa, seu entendimento sobre educação cooperativa e os benefícios que o Programa trouxe para a escola.

Pode-se dizer que o Programa trouxe benefícios para sala de aula, pois há mais envolvimento e comprometimento por parte dos alunos, despertou a curiosidade e a vontade de trabalhar em grupo. Todos os projetos teve a cooperação entre pais, alunos e professores, todos trabalharam em equipe com um objetivo em comum que é deixar a escola com um ambiente mais agradável e despertar o interesse dos alunos pelo trabalho em equipe. A comunidade também foi beneficiada com o Programa, pois os pais trabalharam em equipe e perceberam que se todos trabalharem juntos pode melhorar ainda mais.

O Programa foi uma novidade para os professores, pois muitos não o conheciam, mas com o apoio e suporte da acessória pedagógica esse desafio foi superado e hoje os professores conhecem bem o Programa e incentivam a cooperação entre seus alunos através de trabalhos em equipe praticando a solidariedade e cooperação, que são os princípios que regem o Programa União Faz a Vida.

Percebeu-se que os alunos são incentivados pelos pais a praticar a cooperação entre colegas. Tal fato mostra a fundamental importância da família, que se torna peça importante para o desenvolvimento do Programa. O trabalho mostra que o Programa abrange não só a escola, ele faz com que pais se envolvem indiretamente no mesmo. Com isso, tem-se uma escola melhor, através do ensino de qualidade em um ambiente agradável.

O objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho foram alcançados, foi identificado os desafios e citada algumas ações que podem melhorar o desenvolvimento do Programa nos próximos anos. O presente trabalho nos deixou

claro a importância do Programa A União Faz a Vida na Escola Ensino Fundamental Santa Flora. na vida dos alunos, professores e pais.

Portanto, consequência de um trabalho importante que a mais de 20 anos conta com a participação ativa dos gestores, apoiadores, acessória pedagógica e parceiros. Todo esse conjunto faz com que professores, alunos e pais desfrutem hoje de resultados positivos, que consequentemente farão a diferença na vida dos envolvidos, mostrando os laços que ligam a família e a escola, fazendo com que a cooperação sempre esteja presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/>. Acesso em 28 de setembro 2015.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/?COOPERATIVASFAQ>- Acesso em 12 de outubro 2015

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatísticas Aplicadas às Ciências Sociais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994

BASSO, Roseleia Albarello, **Reflexão Cooperativista**, 2012.

BRASIL. Lei n. 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 dez. 1976. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5764.htm>. Acesso em: 27 setembro. 2015.

Brasil Cooperativo: Disponível em: <http://www.brasilcooperativo.coop.br/>: Acesso em: 22 de setembro 2015.

COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA **Conhecendo o Programa A União Faz a Vida** / Fundação SICREDI (coord.). Porto Alegre: Fundação SICREDI, 2008.

DUARTE, L. M. **Capitalismo e cooperativismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: (1986).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2011.

HOLYOAKE, G. J. **Os 28 tecelões de Rochdale** (história dos probos pioneiros de Rochdale), Rio de Janeiro, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed.(2010) Petrópolis, RJ. Editora Vozes.

NEVES, C. E. B.; CORRÊA, M. B. (Org.). **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas**. Cadernos de Sociologia/Programa de pós-graduação em sociologia, Porto Alegre. v.9, 1998.

OCERGS- Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul. **Expressão do Cooperativismo Gaúcho**. [S.l.]: OCERGS, 2013. Disponível em: <<http://intranet.sescoops.coop.br/arquivos/arqs/20120719102955.pdf> >. Acesso em: 22 setembro. 2015.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

PAGNUSSATT, Alcenor. **Guia do cooperativismo de crédito: organização e políticas corporativas**. Porto Alegre, 2004

PONTES, S.M.D. **As Estratégias Das Cooperativas De Crédito Para A Captação De Associados: Um Estudo De Caso**. Centro Universitário de Belo Horizonte UNI-BH, 2006

PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO. Disponível em: <http://cooperativismodecredito.coop.br>. Acesso em: 16 de setembro 2015

Revista OCEPAR. **As cooperativas e o Desenvolvimento econômico e social do Paraná**. Ano 2012.

ROSSI, Amélia do Carmo Sampaio. **Cooperativismo, a luz dos princípios constitucionais**. Curitiba: Juruá, 2005.

SISTEMAS DE COOPERATIVAS DE CRÉDITO DO BRASIL. Disponível em: <http://www.sicoobcecremef.com.br/cooperativismo-de-credito/>. Acesso em 12 de outubro 2015.

SISTEMA OCERGS-SESCOOP/RS DIVULGA NÚMEROS OFICIAIS DO COOPERATIVISMO NO RS. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.ocergs.coop.br/index.php/comunicacao/noticias/1960-sistema-ocergs-sescoop-rs-divulga-numeros-oficiais-do-cooperativismo-no-rs>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

SCHNEIDER J. O. **Educação e Capacitação Cooperativa**- Os desafios no seu desempenho. Rio Grande do Sul, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses: MDT. 7. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2010.

APENDICE 1

A referente pesquisa refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso, que está sendo desenvolvido pela aluna Anelise Lucion Puchale, acadêmica do curso de Gestão de Cooperativas, da Universidade Federal de Santa Maria, referente a implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola de Ensino Fundamental de Santa Flora. Sua contribuição será de grande importância ao responder esse questionário. Desde já, agradeço sua contribuição. Muito Obrigada!

Questionário direcionado aos professores

- 1- Formação
- 2- Idade
- 3- Quanto tempo trabalha na escola?
- 4- Responsável por qual(s) disciplina(s)?
- 5- Reside em qual cidade?

Em relação a Implantação do Programa A União Faz a Vida

- 6- Trouxe algum benefício para a sala de aula? Se sim, quais?
- 7- Na sua opinião, quais foram os maiores desafios na implantação do Programa?
- 8- Que mudanças podem ser observadas na escola e nas aulas com a Implantação do Programa?
- 9- Você notou mudanças no comportamento dos alunos, com relação a ajuda mutua, solidariedade e outros valores cooperativistas, a partir da implantação?
- 10- Durante a execução dos projetos, houve a cooperação entre os alunos? Como?
- 11- Qual a importância da implantação do Programa para escola?
- 12- O Programa trouxe algum benefício para a comunidade? Se sim, quais foram observados?
- 13- Como você avalia seu conhecimento sobre o Programa A União Faz a Vida, antes e depois da implantação na escola?
- 14- Como você incentiva a cooperação entre os alunos?
- 15- Na escola como um todo as atividades são feitas de forma cooperativa, com ajuda mutua, ou de forma individual (cada um se responsabiliza somente pelo que lhe diz respeito)?

APENDICE 2

A referente pesquisa refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso, que está sendo desenvolvido pela aluna Anelise Lucion Puchale, acadêmica do curso de Gestão de Cooperativas, da Universidade Federal de Santa Maria, referente a implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola de Ensino Fundamental de Santa Flora. Sua contribuição será de grande importância ao responder esse questionário. Desde já, agradeço sua contribuição. Muito Obrigada!

Questionário direcionado para os alunos

Nome:

Ano:

Idade:

- 1- Qual a disciplina que você mais gosta?
- 2- O que você mais gostou na implantação do Programa A União Faz a Vida?
- 3- O que significa cooperar para você?
- 4- Você costuma cooperar com seus colegas? Como?
- 5- Você prefere trabalho em grupo ou individual? Porque?
- 6- Quando um colega está com dificuldade em alguma tarefa, você costuma ajuda-lo ou o deixa executar sozinho?
- 7- Durante a execução dos projetos do Programa A União Faz a Vida, você cooperou com seus colegas e professores? Como?

APENDICE 3

A referente pesquisa refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso, que está sendo desenvolvido pela aluna Anelise Lucion Puchale, acadêmica do curso de Gestão de Cooperativas, da Universidade Federal de Santa Maria, referente a implantação do Programa A União Faz a Vida na Escola de Ensino Fundamental de Santa Flora. Sua contribuição será de grande importância ao responder esse questionário. Desde já, agradeço sua contribuição. Muito Obrigada!

Questionário direcionado para os pais

- 1- A quanto tempo seu filho estuda na escola?
- 2- Qual a sua profissão?
- 3- Reside em que cidade?
- 4- No seu entendimento, o que significa educação cooperativa?
- 5- Você conhece o Programa A União Faz a Vida?
- 6- Você conhece e participa do projeto da turma do seu filho? Se sim, de que forma?
- 7- O que é cooperar para você?
- 8- Você incentiva seu filho a cooperar com os colegas? Como?
- 9- Você acha importante a cooperação entre os alunos da escola? Se for solicitado a participar, estaria disposto? Porque?